

A IMPORTÂNCIA DO TATO NAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOCEGOS E NA INTERAÇÃO COM O MUNDO

*THE IMPORTANCE OF TOUCH IN THE COMMUNICATION OF DEAFBLIND PEOPLE
AND THEIR INTERACTION WITH THE WORLD*

Raffaella Lupetina¹

RESUMO

Esse texto propõe uma reflexão sobre a importância do tato nas formas de comunicação dos surdocegos, assim como a interação das pessoas com surdocegueira com o mundo ao seu redor. A partir de uma significativa curadoria de autores que se debruçam sobre o campo da surdocegueira, estabeleceu-se diálogos a respeito da importância do sistema háptico e toque ativo para o desenvolvimento da pessoa com surdocegueira. O texto se inicia com conceituações sobre surdocegueira e, posteriormente, aprofunda nas principais formas de comunicação dos surdocegos e os pré-requisitos existentes para cada uma dessas formas de comunicação. A partir de referenciais teóricos e diálogos entre eles constata-se que a percepção tátil é o pré-requisito mais necessário para a comunicação e sociabilização da pessoa com surdocegueira. Adiante reafirma-se a importância e valorização do tato como um significativo meio de comunicação sensorial, além da importância do sistema háptico e toque ativo para a pessoa com surdocegueira estabelecer uma melhor recepção cinestésica e cutânea. Culminando com a importância da comunicação háptica como um reconhecimento através da recepção tátil sobre as expressões emocionais, descrições de ambientes e mensagens direcionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Surdocegueira. Sistema háptico. Tato ativo. Formas de comunicação.

ABSTRACT

This text proposes a reflection on the importance of touch in the forms of communication of people with deafblindness, as well as the interaction of people with deafblindness with the world around them. From a significant curation of authors who focused on the field of deafblindness, dialogues were distributed regarding the importance of the haptic system and active touch for the development of the person with deafblindness. The text begins with concepts about deafblindness and subsequently delves into the main forms of communication for deafblind people and the prerequisites for each of these forms of communication. Based on theoretical references and dialogues between them, it appears that tactile perception is the most necessary prerequisite for communication and socialization of people with deafblindness. Below we reaffirm the importance and appreciation of touch as a significant means of sensory communication, in addition to the importance of the haptic system and active touch for a person with deafblindness, establishing better kinesthetic and acoustic reception. Culminating with the importance of haptic communication as recognition through tactile reception of emotional expressions, attractive environments and targeted messages.

KEYWORDS: Deafblindness. Haptic system. Active touch. Forms of communication.

¹ Instituto Benjamin Constant (IBC-Br), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Temática da Deficiência Visual, raffaelalupetina@ibc.gov.br, <https://orcid.org/0000-0002-5816-2550>.

1. Introdução

As sensações táteis são essenciais e se propagam à medida que se ampliam as experiências e comportamentos da vida cotidiana (Moreira; Walter, 2024).

A surdocegueira precisa ser compreendida como uma deficiência sensorial única com toda a sua singularidade e especificidade (Cader-Nascimento; Costa, 2010; Masini, 2011; Lupetina, 2017, 2020), além da importância da interação social e comunicacional com os surdocegos que, em muitas situações ainda vivenciam o cotidiano limitados aos convívios familiares (Lupetina, 2020).

Aprender, valorizar e utilizar as formas de comunicação das pessoas com surdocegueira, respeitando e escolha e tempo de cada uma delas, é fundamental para possibilitar uma sociabilização e cidadania das pessoas com surdocegueira.

O surdocego necessita de apoio para a compreensão do que acontece ao seu redor, realizando a comunicação de forma diferenciada, na qual ultrapassar a barreira do silêncio e do isolamento é um verdadeiro desafio. A expectativa ao propiciar condições de comunicação para o surdocego é a de favorecer sua autonomia e, destarte, sua qualidade de vida (Masini, 2011, p. 179).

Masini (2002) nos conceitua, de maneira brilhante, que a surdocegueira envolve o comprometimento parcial ou total dos sentidos da visão e audição e, na maioria das vezes, a pessoa com surdocegueira possuirá resíduo auditivo ou resíduo visual, ou ambos. Existem surdocegos totais – sem resíduos auditivos e visuais –, porém a maioria dos surdocegos possuem resíduos sensoriais da audição e visão, e esses resíduos devem ser valorizados e utilizados. Ainda de acordo com a autora, a surdocegueira é uma deficiência singular com características e especificidades ainda pouco conhecida no Brasil e no mundo.

As pessoas com surdocegueira podem ser congênicas ou adquiridas. Os congênicos são as pessoas que nasceram surdocegas ou que ficaram surdocegas antes de estabelecer uma forma de comunicação oral ou gestual. Esse conceito foi atualizado pelo Grupo Brasil (2012) – principal centro de formação de guias-intérpretes do Brasil – que contextualiza que as nomenclaturas anteriores: pré-linguístico e pós linguístico, atualmente transitaram para congênito e adquirido. Entrando na classificação dos congênicos aqueles que tornaram-se surdocegos ainda bebês antes de iniciarem a respectiva forma de comunicação. Enquanto as pessoas com surdocegueira adquirida, são as que ficaram surdocegas após estabelecer uma forma de comunicação oral ou gestual (Cader-Nascimento; Costa, 2010; Lupetina, 2020).

Ainda na perspectiva do Grupo Brasil (2012), principalmente no que tange em formar guias-intérpretes e instrutores mediadores, na relação com a pessoa surdocega é extremamente importante o trabalho corpo a corpo, o toque, a utilização das mãos para obter e passar informações, o tato, o contato com o outro e conhecer as possibilidades de formas de comunicação da pessoa com surdocegueira.

De acordo com Lupetina (2017) e Cader Nascimento; Costa (2010), o profissional adequado para atuar com o surdocego congênito é o instrutor mediador e o profissional habilitado para atuar com a pessoa com surdocegueira adquirida é o guia-intérprete.

No que tange ao contexto educacional da pessoa com surdocegueira, é fundamental que a instituição escolar e o corpo docente estejam abertos a receber, acolher e acreditar no potencial da pessoa com surdocegueira. Além de realizar adaptações curriculares e pedagógicas para contemplar as especificidades do aluno surdocego. De acordo com Masini (2002):

A educação desses indivíduos [surdocegos] mostra claramente a necessidade de abordagens individualizadas que reflitam o fato de que cada estudante surdocego tem necessidades específicas e muito individuais, que não podem ser cobertas por uma única definição. [...] O ensino de estudantes surdocegos é um campo muito especializado da educação. O caráter de complexidade desta educação reúne uma gama muito grande de problemas que se impõem sobre um indivíduo com dificuldades de audição e visão e exige que os professores compreendam os aspectos múltiplos da surdocegueira que vão desde definir qual a população surdocega até apoiar indivíduos surdocegos a se tornarem o mais independente possível em suas habilidades para a vida e o trabalho (Masini, 2002, p. 122-130).

Caso o surdocego possua resíduos visuais, sugere-se que seja providenciado o material em tinta com letra ampliada, preferencialmente em fonte Arial, Verdana ou outra que não contenha serifa (recomenda-se fonte no tamanho 24 ou 26) privilegiando o contraste: fundo branco com letra preta; ou fundo preto com letra branca; ou fundo preto com letra amarela; ou o contraste que for mais confortável para o surdocego. Caso o surdocego não possua resíduo visual, deve ser providenciado o material impresso no Sistema Braille, para que ele possa ler com o tato da polpa dos dedos. Caso o surdocego possua resíduos auditivos, solicitar que o interlocutor fale próximo a ele, para que ele aproveite esse resíduo auditivo para receber a informação. No entanto, cabe ressaltar que cada pessoa com surdocegueira é única em sua complexidade e, portanto, recomenda-se a observação, atenção e adaptação ao que seja melhor para cada surdocego.

Adiante serão apresentadas as principais formas de comunicação utilizadas pelas pessoas com surdocegueira.

2. Formas de comunicação utilizadas pelo surdocegos

De acordo com Lupetina (2020), as pessoas com surdocegueira desejam poder se comunicar com todos em todos os lugares, no entanto a sociedade (ainda) não conhece – ou conhece pouco – as formas de comunicação dos surdocegos. Ainda de acordo com a autora, é fundamental que as pessoas busquem aprender as formas de comunicação dos surdocegos, até para possibilitar a acessibilidade deles em todos os espaços, como por exemplo: banco, consultório médico, lojas, restaurantes, espaços de lazer, entre outros.


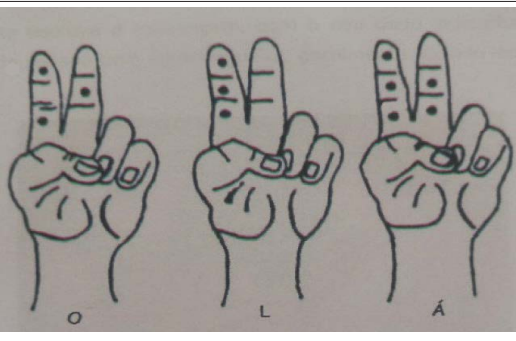

Para Masini (2011), a comunicação dos surdocegos ocorre, na maioria das vezes, de forma expressiva por movimentos corporais, expressões faciais e gestos naturais, enquanto a comunicação

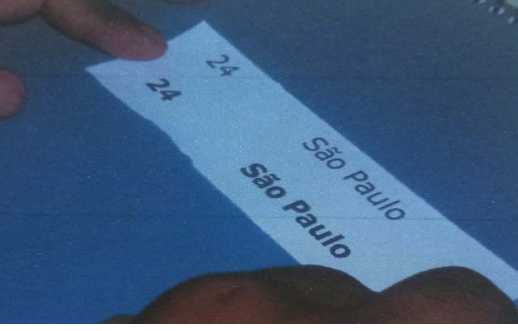

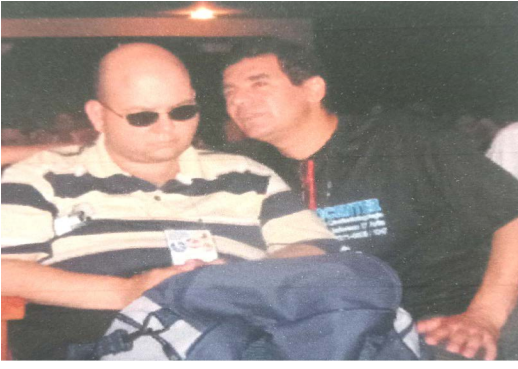


receptiva se estabelece por pistas concretas, objetos de referências, gestos, sinais isolados e Língua de Sinais.



De acordo com Cader-Nascimento; Costa (2010, p. 57, grifo das autoras) “todos os recursos de comunicação precisam ser adaptados à **singularidade** das pessoas”. Isso precisa ser levado em consideração como condição *sine qua non* para estabelecermos uma comunicação respeitosa.

Em seguida, apresenta-se um quadro com as principais formas de comunicação dos surdocegos dividido em três colunas: a primeira coluna com o nome da forma de comunicação (listado em ordem alfabética), a segunda coluna com uma breve explicação de como é realizada a respectiva comunicação, e a terceira coluna com uma imagem de cada uma delas.

Quadro 1: Principais formas de comunicação dos surdocegos

Formas de comunicação	Como se comunicar	Imagem
Alfabeto Manual Tátil	Corresponde ao alfabeto manual usado pelas pessoas com surdez, porém, feito sobre a palma da mão da pessoa com surdocegueira.	
Braille Tátil (forma 1)	A pessoa com surdocegueira oferece os dedos indicador e médio e o guia-intérprete toca as falanges como se estivesse escrevendo na cela braille.	
Braille Tátil (forma 2)	O guia-intérprete posiciona seus dedos sobre os da pessoa com surdocegueira e pressiona-os levemente como se estivesse escrevendo na máquina de escrever em braille.	

<p>Escrita ampliada</p>	<p>O guia-intérprete escreve a mensagem usando letras geralmente em tipos ampliados e de cores contrastantes com o fundo, conforme a necessidade da pessoa com surdocegueira.</p>	
<p>Escrita na palma da mão</p>	<p>O guia-intérprete escreve a mensagem, com o seu dedo indicador, no centro da palma da mão da pessoa com surdocegueira, geralmente usando a letra maiúscula de imprensa.</p>	
<p>Fala ampliada</p>	<p>O guia-intérprete se posiciona perto do melhor ouvido da pessoa com surdocegueira e repete a fala do interlocutor.</p>	
<p>Libras em campo reduzido</p>	<p>O guia-intérprete utiliza a Língua de Sinais em um campo espacial menor e a uma distância maior, conforme a necessidade da pessoa com surdocegueira</p>	
<p>Libras Tátil</p>	<p>Corresponde à Libras, mas adaptada ao tato, ou seja, a pessoa com surdocegueira mantém uma de suas mãos ou ambas sobre as mãos do guia-intérprete, de maneira que a informação possa ser respondida pelo tato.</p>	

Placas alfabéticas em braille	O guia-intérprete utiliza uma placa alfabética com letras e números em braille, sobre os quais toca o dedo indicador da pessoa com surdocegueira, de modo que ela perceba pelo tato os pontos de cada uma das letras ou números que formam a mensagem.	
Tadoma	O guia-intérprete repete a fala do interlocutor, enquanto a pessoa com surdocegueira coloca a mão levemente sobre os lábios, bochecha, mandíbula ou a boca do guia-intérprete ou da maneira que achar melhor para fazer a leitura labial pelo tato.	

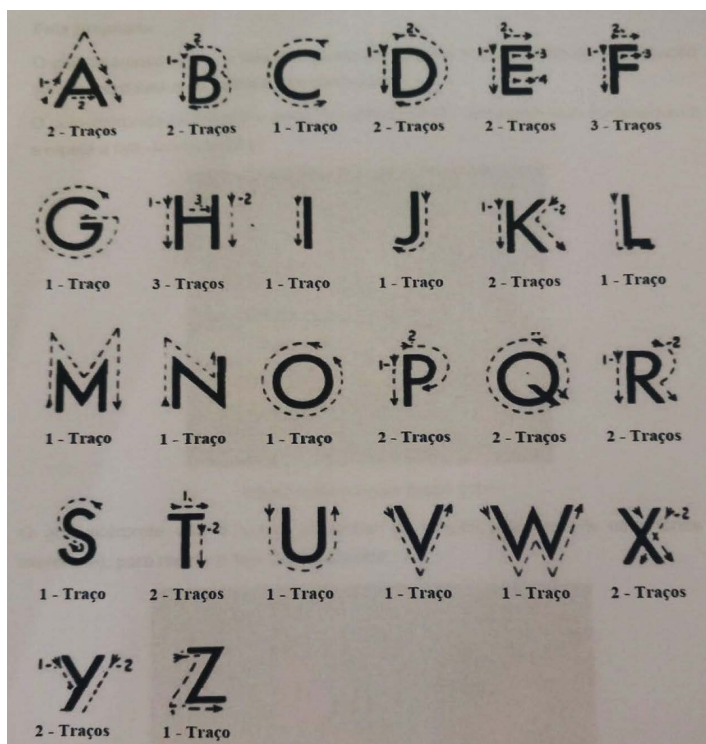
Fonte: Quadro elaborado a partir do material do Grupo Brasil (2012) e a partir de Lupetina e Walter (2021).

Descrição das imagens: dez imagens, de cada forma de comunicação. A primeira imagem, referente ao Alfabeto Manual Tátil, duas mulheres, uma em frente a outra, com os respectivos braços direitos esticados e as mãos se tocando em sinais. Uma delas usa óculos escuros. Na segunda imagem, referente ao Braille Tátil (forma 1), tem o desenho de três mãos com os dois dedos, indicador e médio, eretos com as falanges viradas para frente. Na primeira mão a representação da letra O com os pontos 1,3 e 5. Na segunda, a representação da letra L com os pontos 1,2 e 3, e na terceira, a representação da letra Á com os pontos 1,2,3,5 e 6. Na terceira imagem, referente ao Braille Tátil (forma 2), duas mãos sobre duas mãos, com os dedos indicador, médio e anelar realizando o movimento do braille tátil. Na quarta imagem referente a letra ampliada, um pedaço de papel escrito São Paulo em fonte 24 duas vezes, sendo uma delas em negrito. Na quinta imagem, referente a escrita na palma da mão, uma mulher segura as duas mãos de um homem, e com o dedo indicador escreve a letra na palma da mão dele. Na sexta imagem, referente a fala ampliada, um homem fala com a boca próxima ao ouvido de outro homem, este com óculos escuros. Na sétima imagem, referente à Libras em campo reduzido, uma intérprete de Língua de Sinais, sentada, sinaliza próximo a três pessoas, que estão sentadas à frente da profissional. Na oitava imagem, referente à Libras Tátil, uma mulher sinaliza tocando as mãos de um homem, um em frente ao outro. Na nona imagem, referente às placas alfabéticas em braille, uma placa contendo pontuação, números e letras em tinta e em braille, com o dedo de uma pessoa tocando a placa e uma mão sobre a mão e dedo direcionando. Na décima imagem, referente ao Tadoma, mulher de olhos fechados com a mão esquerda no queixo e boca de outra mulher, ambas sentadas, lado a lado.

Complementando sobre a quinta forma de comunicação demonstrada, a “escrita na palma da mão”, cabe acrescentar uma demonstração de qual seria o direcionamento do movimento do dedo na palma da mão.

Algumas letras são executadas com ‘1 traço’, outras com ‘2 traços’ e outras com ‘3 traços’. Lembrando que na maioria das vezes o surdocego recebe essa informação tátil com a mão, no entanto, tem alguns surdocegos que perderam a sensibilidade das mãos – no caso de surdocegos que tiveram Diabetes – nesse caso, a recepção pode ser feita no braço, no ombro ou nas costas.

Imagem 1: Direcionamento para a escrita na palma da mão.



Fonte: Imagem retirada do material do Projeto Pontes e Travessias Formação de Guia-Intérprete, Grupo Brasil (2012).

Descrição da imagem: imagem do alfabeto de A a Z, em letra bastão, com setas contornando as letras informando o direcionamento do movimento. Abaixo de cada letra contém a quantidade de traços sugeridos, 1 traço, 2 traços ou 3 traços.

A ordem das perdas sensoriais irá influenciar na forma de comunicação escolhida pela pessoa com surdocegueira. Um surdocego que primeiro perde a audição e aprende a Língua Brasileira de Sinais (Libras), posteriormente ao perder a visão, irá aproveitar o conhecimento dos Sinais e irá utilizar Libras Tátil como forma de comunicação. O surdocego que primeiro perdeu a visão e aprendeu o Sistema Braille, ao perder a audição, irá aproveitar o conhecimento internalizado do Braille e irá escolher o Braille Tátil como forma de comunicação.

Nessa perspectiva, entende-se que a ordem das perdas, o momento em que ela acontece e os conhecimentos estabelecidos durante esse processo, irão influenciar na forma de comunicação adotada pelo surdocego. É importante ressaltar que é preciso respeitar a forma de comunicação que seja mais confortável para cada surdocego, respeitando o tempo e o processo de cada indivíduo.

Sobre o Tadoma, essa forma de comunicação ocorre mediante percepção tátil das vibrações produzidas durante a emissão verbal. A mão costuma ser posicionada em formato de “L” encostando nos lábios, queixo e parte do pescoço. O Tadoma costuma ser mais utilizado pelas pessoas surdocegas que escutaram e enxergaram e, portanto, ao ficarem surdocegas costumam ter preservadas a memória auditiva e visual, o que contribui nessa percepção tátil.

A palavra Tadoma vem da junção dos primeiros nomes de duas crianças surdocegas: Tad Chapman e Oma Simpson (Cader-Nascimento; Costa, 2010). A surdocega mais representativa do mundo, a Helen Keller, além da Libras Tátil, também estabeleceu outras formas de comunicação, incluindo o Tadoma. Sobre isso, ela relatou: “o tato era o único recurso para ler os lábios da minha mestra [Anne Sullivan]. Pelo tato, apenas, tinha de aperceber-me do movimento dos lábios, da vibração da garganta e da expressão do rosto dela” (Keller, 1939, p. 77).

Adiante um quadro com pré-requisitos que seriam necessários para cada forma de comunicação:

Quadro 2: Pré-requisitos para as formas de comunicação dos surdocegos

Formas de Comunicação/ Pré requisitos	Resíduo visual	Resíduo auditivo	Língua Portuguesa escrita	Língua Portuguesa falada	Libras	Alfabeto manual	Braille	Percepção Tátil
Alfabeto Manual Tátil			X			X		X
Braille Tátil			X				X	X
Escrita Ampliada	X		X					
Escrita na palma da mão			X					X
Fala ampliada		X		X				
Libras em campo reduzido	X				X	X		
Libras tátil					X	X		X
Placas alfabéticas com o alfabeto em Braille			X				X	X
Tadoma				X				X

Fonte: Quadro retirado e adaptado do material do Projeto Pontes e Travessias Formação de Guia-Intérprete, Grupo Brasil (2012).

A partir do quadro 2 percebe-se que o resíduo visual será necessário apenas para os que usam a escrita ampliada e para quem utiliza a Libras em campo reduzido. O resíduo auditivo é necessário apenas para quem se comunica pela fala ampliada. O quadro vai demonstrando quais formas de comunicação necessitam do domínio da Língua Portuguesa escrita, quais necessitam do domínio da Língua Portuguesa falada, quais necessitam do domínio da Libras, do Braille e assim sucessivamente.

A partir da observação do quadro 2 é nítido a compreensão de que a percepção tátil é o pré-requisito mais necessário para a comunicação dos surdocegos. O que vai de encontro com o tema principal e reflexão deste texto.

Ainda sobre as formas de comunicação e sobre a importância do tato e do toque para as pessoas com surdocegueira, de acordo com Samaniego (2004) compreende-se que:

- a) Para os surdocegos o mundo passa a ser majoritariamente o que pode ser tocado, o sentido do tato é usado para interpretar o que é captado pelos resíduos sensoriais (quando existem).
- b) Existe uma grande dependência de outras pessoas, tanto na parte de locomoção, como na comunicação.
- c) O isolamento e a solidão podem ser sentimentos recorrentes para as pessoas com surdocegueira, principalmente quando ocorre uma falta de interação com outros e com o ambiente.

A partir desses três pontos, Samaniego (2004) salienta que pode ser válido para a pessoa com surdocegueira o desenvolvimento de mais de uma forma de comunicação para ter contato com outros e acesso às informações e evitar esse processo de isolamento e solidão.

3. A importância de valorizarmos o tato com um significativo meio de comunicação sensorial

Moreira; Walter (2024) e Fernandes; Albuquerque (2012) reafirmam que a percepção tátil se refere à aquisição e compreensão de novas informações. Isso ocorre por meio de novos estímulos sensoriais e táteis, tendo a percepção do tato como principal canal de recepção, como por exemplo, texturas e formas distintas.

De acordo Loomis e Lederman (1986, p. 31), na percepção tátil tanto o sentido cutâneo quanto a cinestesia transmitem informações sobre objetos e eventos distais. Na maior parte do nosso dia a dia a percepção tátil e o desempenho controlado pelo tato caem nesse contexto.

A pele é o maior órgão do corpo humano e o tato proporciona um canal de comunicação que ainda é pouco valorizado comparando com o sentido da visão. Autores como Klatzky e Lederman (2003) e Moreira e Walter (2024) dialogam sobre isso, o que nos remete a reflexão proposta neste artigo, da importância de valorizarmos o tato como um significativo meio de comunicação sensorial.

A primeira coisa que vem à mente quando se pergunta sobre quais são os sentidos humanos, se centram na visão e audição, depois vem o olfato e o paladar e, finalmente, pensa-se no tato. A ordem [essa ordem] reflete o nível de importância de cada uma dessas modalidades sensoriais na concepção subjetiva (Moreira; Walter, 2024, p. 31).

Para Klatzky e Lederman (2003) *apud* Moreira e Walter (2024), existem diferentes modalidades de toque que englobam vários sistemas sensoriais, esses seriam:

- a) Sistema cutâneo: recebe estímulos sensoriais de mecanorreceptores que estão embutidos na pele. Os mecanorreceptores são terminações nervosas especializadas que respondem à estimulação mecânica e força.
- b) Sistema cinestésico: envolve a percepção de movimentos, posição do corpo através da cinestesia.

- c) Sistema háptico: requer a combinação das entradas dos sistemas cutâneo e cinestésico. Dessa forma, o termo háptico se relaciona ao toque ativo.

Ainda de acordo com esses autores, essas diferenciações entre as percepções tátil, cinestésica e háptica é o que as distingue do que seria um toque passivo e um toque ativo. O toque ativo seria justamente o háptico, “quando uma pessoa executa ativamente uma exploração ou manipulação em um objeto” (Moreira; Walter, 2024, p. 31).

Enquanto o toque passivo corresponde à percepção tátil de forma receptiva, envolvendo os receptores na pele e seu tecido subjacente. Moreira; Walter (2024), exemplificam com:

Dois exemplos disso [percepção tátil receptiva] são: a percepção de padrões de comunicação que podem ser desenhados nas costas de uma pessoa para passar informações e a percepção da fala, em que pode sentir a informação falada (vibração de voz) colocando uma das mãos na mandíbula e nos lábios do falante (método Tadoma de recepção da fala) (Moreira; Walter, 2024, p. 31).

O movimento ativo irá ocorrer por meio de movimentos voluntários com a intenção de coletar informações sobre determinado ambiente ou objeto. Já no toque passivo, o receptor não efetua movimentos específicos e voluntários, este recebe e sente estímulos e realiza sensações subjetivas (Moreira; Walter, 2024).

Nessa perspectiva, para identificar determinado objeto de forma tátil, é preciso tocá-lo de forma ativa, executando a exploração tátil e movimentos para perceber o formato, a textura, a consistência, o peso e os detalhes. Sendo muito significativo durante a comunicação háptica estabelecer uma relação entre o conhecimento relacionado ao objeto e o movimento das mãos. Ainda de acordo com Moreira e Walter (2024):

As informações apreendidas por meio do tato podem exceder as informações captadas pela visão em termos de riqueza de detalhes oriunda das propriedades do material, rugosidade e temperatura. [...] O toque [a exploração háptica e toque háptico] não serve somente para perceber, compreender e responder aos estímulos do ambiente circundante. Eventos externos podem originar sensações táteis no corpo e no *self*, referente a compreensão da separação entre o *eu* e os *outros*. [...] A maneira pela qual o cérebro reconhece a autopropriedade do corpo, no espaço que ocupa. Isso é essencial para consolidar uma representação tátil para favorecer o senso de identidade (Moreira; Walter, 2024, p. 31-33, grifo das autoras).

As autoras estabelecem uma interessante reflexão sobre a importância de valorizarmos o tato como um canal ativo de exploração que possibilita uma percepção ainda mais detalhada do que através do sentido da visão. A percepção da temperatura é um ótimo exemplo, pois a temperatura não pode ser percebida através da visão ou da audição, ela só pode ser percebida através do toque do objeto, para sentir se é algo quente, morno, frio ou gelado. A visão daria “pistas” sobre isso, mas a percepção verdadeira sobre a temperatura só seria possível através do tato.

Em consonância com as autoras acima, temos Pereira (2009) que também afirma sobre a importância do desenvolvimento do sistema háptico / tato ativo para as pessoas com surdocegueira:

No caso de pessoas com surdocegueira, com comprometimento total ou parcial da audição, o desenvolvimento tátil, cinestésico e olfativo assume um papel ainda mais importante. Precisam desenvolver seu sistema háptico (tato ativo): um sistema perceptivo complexo, encarregado de apreender e codificar o estímulo que chega aos receptores cutâneos e cinestésicos (Pereira, 2009, p. 68).

A partir dessa premissa de que o sistema tato é fundamental para a existência do ser humano, principalmente para as pessoas com surdocegueira, cabe trazer mais especificamente algumas conceituações e reflexões sobre a **comunicação háptica**. De acordo com Canuto *et al.* (2019):

A comunicação háptica enquanto sistema de comunicação não substitui a língua falada ou sinalizada. Ela foi desenvolvida como complemento para a comunicação de pessoas com Surdocegueira e ainda outros tipos de deficiência. [...] Assim, diversos grupos podem utilizar esse tipo de comunicação com o objetivo de receber a mensagem de forma mais clara, em tempo real e simultaneamente à comunicação principal utilizada pelo receptor. [...] A comunicação háptica deve ser feita em regiões neutras do corpo, geralmente nas costas, braços e pernas. Cada pessoa manifesta sensibilidade maior ou menor em determinada parte do corpo. Assim sendo, é necessário que a escolha de qual parte do corpo poderá ser utilizada para a comunicação háptica deve ser feita pela pessoa com Surdocegueira (Canuto *et al.*, 2019, p. 113-114).

Conforme salientado por Canuto *et al.* (2019), a comunicação háptica pode ser utilizada por pessoas com surdocegueira congênita e adquirida. Assim como por pessoas com outras deficiências, como pessoas com deficiência visual, com deficiência intelectual, com transtorno do espectro autista, com paralisia cerebral, entre outros.

Essa forma de comunicação costuma ser utilizada como um complemento ou apoio aliada a forma de comunicação principal utilizada pelo surdocego. Dessa forma a pessoa com surdocegueira irá escolher o local que prefere receber a comunicação háptica, que costuma ser no ombro, braço ou costas.

Existem sinais hápticos “convencionados”, no entanto, outros sinais hápticos podem ser criados, ampliados e adaptados, de acordo com a necessidade da pessoa com surdocegueira e/ou de acordo com o combinado entre surdocego e guia-intérprete.

De acordo com Canuto *et al.* (2019) e Lupetina (2020), a pessoa com surdocegueira adquirida, que já enxergou e escutou – ou só enxergou ou só escutou – costuma ter a memória auditiva ou visual ou ambas preservadas e, dessa forma, a comunicação háptica pode ser utilizada para reforçar a descrição de ambientes e mapeamento corporal, em conjunto com a memória visual preservada terá ainda mais contribuição nessa aquisição de informações táteis.

Segundo Lupetina (2020), a pessoa com surdocegueira pode estar com um ou dois guias-intérpretes na comunicação háptica. Estando com dois guias, um deles realiza a comunicação através da forma de comunicação principal utilizada pela pessoa com surdocegueira (exemplo: Libras Tátil através das

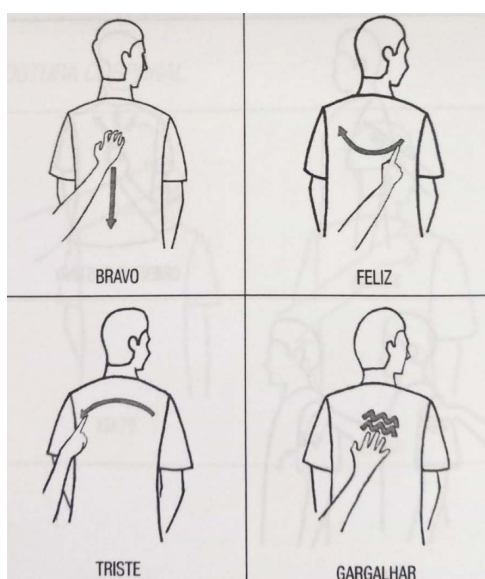
mãos) e o outro guia complementa as informações transmitidas nas costas por exemplo, através dos sinais hápticos. E caso tenha apenas um único guia-intérprete, ele pode realizar ambas as demandas. Por exemplo: através do Tadoma como forma de comunicação principal, permitindo que o surdocego coloque a mão em sua boca, e simultaneamente realizando a comunicação háptica no ombro da pessoa com surdocegueira, com as informações complementares.

De acordo com Canuto *et al.* (2019) e Lupetina (2020), a comunicação háptica costuma ser mais utilizada para:

- a) Transmissão de elementos não verbais, como por exemplo a linguagem corporal das pessoas.
- b) Descrição das emoções das pessoas. Pode ser realizada no dorso da mão, ombro ou costas da pessoa com surdocegueira. Ou na lateral da perna, caso guia e surdocegos estejam sentados lado a lado.
- c) Descrição de ambientes.
- d) Mensagens de Orientação e Mobilidade.
- e) Mensagens curtas.

Abaixo algumas imagens de exemplos de sinais hápticos para transmitir expressões emocionais:

Imagem 2: Expressões emocionais através da comunicação háptica.



Fonte: Imagem retirada de Canuto *et al.*, 2019, p. 128.

Descrição da imagem: imagem dividida em quatro retângulos com o desenho de um homem de costas. No primeiro retângulo, mão nas costas do homem com seta para baixo, abaixo dessa imagem a palavra BRAVO. No segundo retângulo, mão nas costas com o movimento com o dedo indicador de meia lua para cima com o direcionamento da direita para a esquerda, abaixo dessa imagem a palavra FELIZ. No terceiro, mão nas costas com o movimento com o dedo indicador de meia lua para baixo com o direcionamento da direita para a esquerda, abaixo dessa imagem a palavra TRISTE. No quarto retângulo, movimento de duas ondas nas costas em zig-zag, abaixo a palavra GARGALHAR.

Adiante imagens de sinais convencionados para passar mensagens curtas. Um exemplo disso é a mensagem “perigo” que é convencionado – entre surdocegos e guias-intérpretes – como um “X” nas costas. Dessa forma, em uma situação de perigo (como um carro vindo na direção ou um assalto, por exemplo), o guia intérprete realiza o “X” de forma tátil nas costas do surdocego, ele saberá que está em uma situação de perigo, e ao pressionar levemente para frente, ambos podem se abaixar até o momento da situação e perigo ser abrandada. Este é um exemplo prático de como um sinal háptico de mensagem curta pode contribuir em uma situação em que não há tempo para uma sinalização mais detalhada.

Imagem 3: Mensagens curtas através da comunicação háptica.



Fonte: Imagem retirada de Canuto *et al.*, 2019, p. 128.

Descrição da imagem: imagem dividida em dois retângulos com o desenho de um homem de costas. No primeiro retângulo, mão em movimento nas costas do homem com seta para a direita, abaixo dessa imagem a palavra CARRO. Na segunda imagem, movimento de X nas costas com o dedo indicador, abaixo a palavra PERIGO.

Lembrando que, além dos sinais hápticos convencionados, outros sinais podem ser combinados entre guia-intérprete e surdocego. Assim como o local de transmissão/recepção dos sinais, podendo ser ombro, braço, costas, coxa, dorso da mão, entre outros. O mais importante é respeitar e levar em consideração o que é mais receptível para o surdocego, de forma que ele receba a informação tátil de forma concreta.

4. Considerações finais

Para as pessoas com surdocegueira o sentido do tato é fundamental. Em perspectiva, este deveria ser o primeiro a ser mencionado na lista dos sentidos do ser humano.

A pessoa com surdocegueira ao perder parcialmente ou totalmente o sentido da visão e da audição passa a ter a percepção tátil como o seu principal canal de recepção, seja através da Libras tátil (mão e mão), seja através do Tadoma (mão e boca), seja através da escrita na palma da mão (mão e dedo), entre outros.

O toque ativo permite que as pessoas com surdocegueira tenham uma percepção ainda mais aguçada e detalhada sobre algum objeto, envolvendo a percepção da textura, do formato, do peso e da temperatura. Esse tato ativo háptico permite uma apreensão e codificação dos estímulos que chegam aos receptores cutâneos e cinestésicos.

Quando se diz respeito a comunicação háptica, esta costuma ser uma forma tátil de recepção de mensagem em tempo real, podendo ser simultânea à forma de comunicação principal utilizada – e escolhida – pelo receptor. Essa comunicação háptica deve ser realizada no local aonde for mais confortável para a pessoa com surdocegueira, podendo ser no braço, nas costas, na perna, no ombro, entre outros. Podendo ser combinados novos sinais táteis hápticos entre emissor e receptor.

Para além disso, cabe ponderar que a pessoa com surdocegueira não se resume somente à percepção tátil, cada indivíduo apresenta uma singularidade e complexidade em seu processo de discernimento e compreensão de mundo. Todos os sentidos remanescentes são importantes para a interação com o mundo externo e com si próprio enquanto ser. Várias especificidades influenciam nesse processo, como: tempo em que ocorreram as perdas sensoriais, ordem dos comprometimentos sensoriais (primeiro a visão ou primeiro a audição, ou ambos simultaneamente), a intensidade dos resíduos remanescentes, a rede de apoio e interação existente com outras pessoas, e o processo de autoaceitação nessa nova condição de pessoa com surdocegueira.

A essência dessas considerações são a fundamentalidade do respeito ao tempo da pessoa com surdocegueira, às formas de comunicação e aos direitos de cidadania, lazer, sociabilidade e afetividade da pessoa com surdocegueira. E para que esses direitos possam ser proporcionados é necessário que a sociedade, cada vez mais, conheça e aprenda sobre as formas de comunicação dos surdocegos e que os espaços educacionais e de lazer realizem adaptações para serem verdadeiramente inclusivos.

Referências

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel; COSTA, Maria da Piedade Resende da. *Descobrendo a surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

CANUTO, Beatriz Santana; SANTANA JR, Carlos Alberto; ARAÚJO, Hélio Fonseca de; LOURENÇO, Katia Regina Conrad. *Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdo-cegueira*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.

FERNANDES, Alexandra M.; ALBUQUERQUE, Pedro B. Tactual perception: a review of experimental variables and procedures. *Cognitive Processing*, v. 13, n. 4, pp. 285-301, 2012.

GRUPO BRASIL. Projeto Pontes e Travessias – *Formação de Guia-Intérprete*. Centro de Recursos nas áreas de surdocegueira e deficiência múltipla sensorial. Promovido por: Ahimsa – Associação Educacional para Múltipla Deficiência e Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial e Abrasc – Associação Brasileira de Surdocegos. São Paulo – Brasil, 2012.

KELLER, Helen. *A história da minha vida*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1939.

KLATZKY, Roberta L.; LEDERMAN, Susan J. Touch. In: HEALY, A. F.; PROCTOR, R. W. (eds.), *Handbook of Psychology*, v. 4, pp. 147-176. John Wiley & Sons, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1002/0471264385.wei0406>.

LOOMIS, Jack M.; LEDERMAN, Susan J. Tactual perception. In: BOFF, K. R.; KAUFMAN, L.; THOMAS, J. P. (ed.) *Handbook of perception and human performance: cognitive processes and performance*, v. 2, pp. 1-41. John Wiley & Sons. 1986.

LUPETINA, Raffaella. The Formation of the Guide-interpreter to Work with Deafblind People. *Journal of Studies in Education*, v. 7, n. 3, pp. 146-162, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5296/jse.v7i3.11392>.

LUPETINA, Raffaella. *Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

LUPETINA, Raffaella; WALTER, Catia Crivelenti de Figueiredo. Trajetórias educacionais de pessoas com surdocegueira adquirida. Relato de Pesquisa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, n. 27, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0237>.

MASINI, Elcie F. Salzano. *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...* Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002.

MASINI, Elcie F. Salzano (org.). *Educação e alteridade: deficiências sensoriais, surdocegueira, deficiências múltiplas*. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2011.

MOREIRA, Flavia Daniela dos Santos; WALTER, Catia Crivelenti de Figueiredo. *Objetos de referência para crianças com deficiência múltipla sensorial visual*. Curitiba: CRV, 2024.

PEREIRA, Luiza Percevallis. *Deficiência Visual e surdocegueira: encontro pelas mãos/ [produção de textos]* Luiza Percevallis Pereira, Maria da Luz Costa Milan Veiga. 1. ed. São Paulo. Mais Diferenças. 2009.

SAMANIEGO, Ma Victoria Puig. Implicaciones de la sordoceguera en el desarrollo global de la persona. Capítulo 5. *La sordoceguera. Un Análisis Multidisciplinar*. Organización Nacional de Ciegos Españoles – ONCE. Primeira edición: Madrid, 2004.